

MIL
Movimento
Internacional
LusoBraz

LUÍS ANTÓNIO VERNEY E A CULTURA LUSO-BRASILEIRA DO SEU TEMPO

Ano
Verney



INSTITUTO DE PESQUISA E INICIAÇÃO

Edição conjunta de:

MIL MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO
www.movimento-lusofono.org
Palácio da Independência, Largo de São Domingos, n.º 11
1150-320 LISBOA

e
DGO Edições
R. D. Pedro V, 15 - 5.ª Esq.
2790-311 Loulé e Vilão

Composição e maquetagem: DNI-edições
Imagem da capa: Francisco Fernández
Impressão e acabamento: VAS/DPS
ISBN: 978-989-8661-59-3
Depósito Legal: 41378/14
Primeira edição: Outubro de 2016

© 2016, MIL MOVIMENTO INTERNACIONAL LUSÓFONO.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

LUÍS ANTÓNIO VERNEY E A CULTURA LUSO-BRASILEIRA DO SEU TEMPO

Coordenação de:

António Braz Teixeira
Octávio dos Santos
Renato Epifânio



Luís Etila ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE «A EDUCAÇÃO DE UM MENINO NOBRE», DE MARTINHO DE MENDONÇA	236
Manuel Ferreira Patrício O INTERESSE FILOSÓFICO E PEDAGÓGICO DE MARTINHO DE MENDONÇA SOBRE A REFLEXÃO FILOSÓFICA DE LEIBNIZ SOBRE O ESPAÇO E O TEMPO	241
Luís Manuel A. V. Bressanato MANUEL DE AZEVEDO FORTES, UM CARTESIANO CONVICTO	243
Maria Manuela Brito Martins O CONTRIBUTO DO PE. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO PARA A HISTÓRIA NACIONAL NA SUA OBRA «MAPA DE PORTUGAL»	263
Maria Manuela Brito Martins O PENSAMENTO FILOSÓFICO DO PE. JOÃO BAPTISTA (1785-1781)	284
Miguel Real A ÉTICA DA FILICIDADE EM «CARTA SOBRE A FORTUNA» DE MATIAS ABREU	306
António Brás Teixeira A REFLEXÃO MORAL DE FELICIANO DE SOUSA SENEZ	320
Samuel Diasos O RACIONALISMO ILUMINISTA DE ANTÓNIO RIBEIRO SÁNCHEZ: PARA A DEFESA DE UM HUMANISMO SECULARISTA	327
Marta Mendonça A DIVULGAÇÃO DA FILOSOFIA E DA CIÊNCIA MODERNAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII – VERNEY E TEODORO DE ALMEIDA	335
José Gama INÁCIO MONTEIRO, FILÓSOFO PORTUGUÊS E EUROPEU: UMA «FILOSOFIA LIVRE»	353
Miguel Carlos Monteiro O JESUITA INÁCIO MONTEIRO E LUÍS ANTÓNIO VERNEY FACE ÀS NOVAS CORRENTES DE PENSAMENTO	362
Paulo Ernesto da Cunha REVISITAR TOMÁS ANTONIO GONZAGA NO CONTEXTO DO IUSRACIONALISMO LUSO-BRASILEIRO	378
João Paulo Domingues ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO E O PROJECTO JOANINO	386
III - POSTERIDADE DE VERNEY	
Margarida Almeida A UNIVERSIDADE COMO «A MAIS ALTA REPRESENTAÇÃO DA CULTURA»	403
João Príncipe SÉRGIO E VERNEY: O HUMANISMO CIENTÍFICO E A REFORMA DE MENTALIDADES	412
Renato Epifanio VERNEY ENQUANTO «MITO CULTURAL» – A CRÍTICA DE JOSÉ MARINHO	423
Paulo Martins VERNEY E ANTONIO TELMO: UM DIÁLOGO SOBRE CAMÕES	426
J. Pinharanda Gomes ANTONIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE (1913-1982): CRÍTICO DE VERNEY	435
Octávio dos Santos «VER» VERNEY, UM DEVER, SEMPRE	442

I - VERNEY E O SEU TEMPO

João Príncipe | SÉRGIO E VERNEY: O HUMANISMO CIENTÍFICO E A REFORMA DE MENTALIDADES

Introdução

Neste pequeno estudo descrever-se-á o que António Sérgio escreveu a propósito de Verney em dois dos seus ensaios, inscrevendo tal na sua interpretação da história de Portugal, com incidência na tónica do Seiscentismo e da decadência de Portugal, que Sérgio mobilizou no quadro do seu publicismo e acção cívica em favor de uma certa modernização de Portugal por via da reforma pedagógica (*self-government* e municipalismo) e económica (na linha de um Ezequiel da Campos que pensou em tornar a metrópole autónoma em termos agrícolas – com deslocação de população do Norte para o Alentejo e um plano hidráulico, e com uma indústria desenvolvida). Não se tentará discutir analítica e comparativamente a justeza das teses de AS no que toca aos contornos e duração do Isolamento (ou do bloqueio da sociedade portuguesa) que para ele caracteriza, mau-grado a acção dos ‘estrangeirados’, um período longo que se inicia com a instalação da Inquisição e perseguição dos judeus e com o monopólio do ensino pelos jesuítas (reconhecendo que tendemos para adoptar como *themata*, a linhagem Sérgio-Magalhães Godinho). Mas dar-se-á particular atenção à sua tese pragmático-materialista sobre as condições da Revolução Científica dos séculos XVI-XVII.¹

AS terá sido dos primeiros pensadores portugueses a valorizar a obra pedagógica de Luís António Verney, tomando *Verdadeiro Método de Estudar* como obra típica onde se faz o diagnóstico do atraso e decadência que o nosso século XVII representa e na qual, de modo *engagé*, se propõe a reforma das mentalidades a partir da reforma do sistema de ensino. Verney e Sérgio são assim momentos de uma mesma luta para europeizar Portugal. É que para Sérgio o século XVII europeu é o da Revolução Científica e do espírito crítico e humanista exemplificado por filósofos como Espinosa, Descartes ou Locke e por sábios quais Kepler, Galileo e Newton.²

¹ Convenções: AS – António Sérgio; LAV – Luís António Verney; E. – Ensaios de AS. As citações de textos de AS fazem-se a partir das edições modernas: Lisboa: Livraria Sá da Costa para os Ensaios, outros textos, em dois volumes de edição INCM (Lisboa), colecção Pensamento Português: AS (2001) *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*, com prefácio de António Pedro Mesquita; AS (2008) *Ensaios sobre educação*, com prefácio de Manuel Ferreira Patrício.

² Lopes Praça e Teófilo Braga, este com o seu acérrimo republicanismo jacobino e positivista, haviam já dado relevo a LAV; para o varrimento da literatura sobre LAV, ver, por exemplo, a tese LEAL FERREIRA, BRENO FERRAZ (2009) *Contra todos os inimigos. Luís António Verney: historiografia e método crítico (1736-1750)*, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História

Sérgio refere pois Verney no quadro do projecto cosmopolita que o move, dando-o como paradigma do estrangeirado, termo cujo significado negativo inverte, tornando-o num substantivo que designa um estatuto caracterizado por uma atitude modernizadora baseada em referências cosmopolitas ligadas ao que designa por humanismo científico. A necessidade do estrangeiramento das elites acompanha os dois textos de Sérgio, escritos simbolicamente nos extremos da sua intervenção cívico-pedagógica durante a Primeira República - *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares*, conferência com que apresenta a *Renascença Portuguesa* a uma audiência no Rio de Janeiro no ano de 1913 e *O Reino Cadaveroso*, conferência proferida em 1926 em Coimbra. Entre estes dois marcos, AS elaborou o seu pensamento pedagógico inspirado pelo municipalismo e pelo *self-government*, e escreveu a sua síntese interpretativa da História de Portugal; foi também Ministro da Educação, tendo participado na elaboração da Reforma Camoesas e tendo criado, no papel, uma Junta de Ampliação de Estudos, que o parlamento inviabilizou, projecto maior que traduz o seu empenho constante no seu projecto reformista, onde um aspecto significativo seria o da existência de um organismo destinado a organizar e promover a formação científica e pedagógica das futuras elites nos grandes centros europeus de ciência e cultura.³

Nesta comunicação começarei por apresentar o texto de 1913 sob o ângulo da interpretação sergiana da história portuguesa, passando depois ao ensaio de 1926, 'O Reino Cadaveroso', o qual é o texto de Sérgio escrito durante a Primeira República onde mais longamente discorre sobre Verney. Sérgio não é um erudito e o que ele diz sobre Verney ganha sentido no âmbito da sua leitura da história nacional; e esta é uma das razões pelas quais o que AS diz sobre o Seiscentismo e LAV - e que, para além do detalhe corrigível (até pelo próprio AS, como foi o caso), marca uma estrutura de atitudes e de referências, que se é plural nas soluções a propor coincide na grande linha de um diagnóstico - é ainda hoje ponto axial de um conflito cultural entre elites intelectuais lusas que vão replicando em espiral o conflito provocado pela coerência e especificidade de uma Portugalidade que estranha o olhar depreciativo do 'estrangeirado' (que frequentemente se viu na necessidade de partir, e que sempre com o olhar posto sobre o país que o viu nascer, volta e não se integra). Por isso por aqui começarei.

Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em História, São Paulo.

³ A europeização tal qual AS a entende e promove é o objecto do primeiro estudo de PRÍNCIPE, JOÃO (2012) Quatro novos estudos sobre António Sérgio por João Príncipe com um posfácio por Hermínio Martins, Casal de Cambra: Caleidoscópio, estudo onde se analisam as *démarches* iniciais de AS (remetendo-se para a acção enquanto ministro para os trabalhos de Rogério Fernandes; e para o desacordo em relação à política seguida pela Junta de Educação Nacional para os trabalhos de Jacinto Baptista) e se analisa uma panóplia de sociólogos, historiadores, filósofos e pedagogos e políticos estrangeiros, activos no princípio do século XX, que inspiraram AS (O Grupo de La Science Sociale, de que Léon Poincard era membro, Gabriel Tarde, Guglielmo Ferrero, John Dewey, Kerschesteiner, Ramsay Mac Donald).

1. As grandes linhas da nossa história até ao tempo de Verney

Embora muito inspirado por Herculano, Oliveira Martins e por Antero (cujas teses repete, critica e amplia), AS abandona a história sob o modo dramático-narrativo onde tão frequentemente perpassa a acção providencial de grandes homens e concentra o seu esforço na obtenção de uma síntese que evidencie a inserção da história de Portugal na História Universal, mostre os condicionamentos externos e internos, valorizando os aspectos sócio-económicos, geográficos, e a sua interacção com os aspectos mentais. AS, ao valorizar o método, a estrutura racional do discurso e as ciências sociais emergentes, apostou na ultrapassagem do estilo historiográfico do séc. XIX.

A sua grande síntese da história portuguesa, a sua ‘filosofia da nossa história’ encontra-se em textos dos anos de 1920 quais o ensaio “As duas Políticas Nacionais” (in E. II), ensaio que deve ser lido a par da *Antologia dos economistas portugueses (século XVIII)* e o *Bosquejo de História de Portugal* (que conhece traduções para inglês e para alemão e que, ampliado, dará origem à *Historia de Portugal* editada pela Colécion Labor, e que só sairá em português, em versão não censurada, em 1972), no qual a nossa história surge dividida em três grandes épocas (Incorporação e organização da Metrópole; Expansão marítima e colonial; Tentativas de reforma metropolitana). A Política de Fixação é aquela que AS liga a uma visão crítica e de humanismo científico, visão cujo impacto se viu subitamente interrompido pelo Seiscentismo.”⁴

Este esforço de síntese é iniciado com os textos, publicados pela RP, *O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares* (1914) e *Educação cívica e Considerações histórico-pedagógicas antepostas a um manual de instrução agrícola* (1915). Em 1914, retomando o tema da decadência nacional posto em relevo pela geração de 1870, AS releva dois aspectos, o Parasitismo e o Isolamento: o primeiro está associado ao tipo de expansão ultramarina e radica na educação guerreira (factor mental que actua sobre tempos longos); o segundo liga-se a um factor ex-

⁴ AS, no prefácio à 2ª edição de E. II, p. 10, ed. Sá da Costa. AS nota aí que a Política de Transporte não deve ser confundida com a política de expansão, sendo a Política de Fixação “a que criticava e completava a orientação mercantil (sem pretender excluí-la), preconizando que buscássemos fixar algures, em actividades da agricultura e indústria, os lucros provenientes de um comércio marítimo que se fizesse com método e com sensatez, e afirmando que o tráfico, sómente por si, nos não conduziria a uma situação salubre, à elevação do Povo, a um nível de prosperidade autêntica”, E. II p. 10. É óbvia a relevância da historiografia sergiana para a sua obra, pensando apenas em autores activos circa 2000, historiadores como Victorino Magalhães Godinho (por exemplo no seu livro de 1971, *A estrutura da antiga sociedade portuguesa*. Lisboa: Editora Arcádia) ou de sociólogos como Manuel Villaverde Cabral (por exemplo no seu livro de 1979 *Portugal na alvorada do século XX*, Lisboa: A Regra do Jogo) ou Hermínio Martins (por exemplo no seu livro escrito na década de 1960, *Classe status e poder*, Lisboa: ICS), autores para os quais os aspectos económicos e de antagonismo ou divergência de interesses entre classes sociais são decisivos para a compreensão da nossa história e actualidade. Para quem se esqueceu, todos três passaram amplas temporadas no estrangeiro, não exactamente por razões exclusivamente pessoais.

terno, onde o acaso se faz agente pela coincidência de duas séries autónomas (os efeitos da Contra-Reforma que chegam a Portugal). Considere-se agora algumas das teses da conferência de 1913⁵:

i. Parasitismo e Espírito guerreiro.

i.i.a. O domínio seródio da Cavalaria foi a causa da educação guerreira em vez do trabalho criador: "O regime da educação guerreira foi originado pela invasão árabe, e consistiu no domínio seródio da Cavalaria, esse feudalismo militar que foi uma insalubre exalação do feudalismo agrícola decomposto; consistiu no facto de Portugueses e Castelhanos terem vivido, não propriamente dum trabalho criador, mas da energia caçadora e aventureira: — donde o atraso dos peninsulares nas funções normais da indústria, e agricultura, com a formação de um temperamento em que as faculdades românticas da paixão e da fantasia, da impulsividade e da retórica, preponderam enormemente sobre a vontade e a razão." (p. 21).

i.i.b. A estrutura social guerreira impediu a criação de uma burguesia afanosa e representou uma força de inércia: "A orientação exclusivamente guerreira foi causa de que as nossas conquistas não produzissem uma burguesia rica e afanosa [...] mas uma fidalguia corrompida e um populacho de mendigos; e uma vez bem definida a estrutura social a que nos levou, ei-la representando uma força de inércia persistente e multiforme." (p. 21). Em 1915, AS dará um cunho positivo ao esforço da Primeira Dinastia: "os dinastas afonsinos empreenderam, como bons administradores e bons banqueiros, a organicidade da nação pelo trabalho colonizador e pelo estrangeirismo intelectual" (p. 111). Mas "a crise que levantou o Mestre de Avis fez naufragar a nobreza rústica [a única capaz de resistir ao centralismo, tendo a "gente do campo ligada a ela por uma comunidade de interesses: foi o que se viu com o Feudalismo"] e ressurgir a Cavalaria, com o seu companheiro, o Comércio." (p. 113).

i.ii. A expansão acabou sendo uma persistência da caça secular iniciada com a Reconquista. A corrupção é inerente ao sistema das conquistas: Depois de conquistar o mundo, o Espanhol [o ibérico] caiu exausto "não da enormidade do seu esforço, mas da própria corrupção inerente a tal sistema". (p. 27-28). Em 1915 escreveu: e "se não há comércio que se mantenha sem uma actividade produtora que esteie a economia nacional, agravou-se aqui o desacerto com atacarmos no judeu o nosso único factor de capacidade comerciante.... Passámos assim a viver num duplo circuito de pirataria: o circuito exterior, sobre o indiano, e o interior sobre o judeu.

Mas não vai sobeja a nossa demência, senão que agora, transcornado século e meio sobre a aberração comercial, encetamos a aberração intelectual com a mania purificadora, devolvendo em maninho a inteligência, como já devolvêramos o território". (p. 114-116).

Este segundo aspecto remete para uma causa da decadência já apontada por Antero e por Herculano, o efeito da Inquisição, que Sérgio amplia designando-o por:

ii. Purificação e Isolamento sistemático (p. 21).

ii.a. O século XV foi o «período soberbo» de Portugal em que foi capaz de participar na vida intelectual de toda a Europa: Depois da conquista de Ceuta, "o Infante [Dom Henrique] não mais desgarra do programa nacional, preparando-se metodicamente, coligindo todos os dados, todas as fontes de informação que lhe podia o Universo fornecer.... Começava o período soberbo em que Portugal não só se cercou de gentes de diversas nações, mas percorreu todas as nações e avidamente se misturou à vida intelectual de toda a Europa", (p. 28). Mas este período foi de curta duração: em meados do século XVI, "Rei, Inquisição e Jesuítas, numa fúria "purificadora" e diabólica — estalam, arrancam e arrojam aos quatro ventos a pobre árvore humanista e europeia" (p. 32).

⁵ Todos estes três textos foram editados inicialmente pela *Renascença Portuguesa*, Porto; as páginas, referidas no corpo de texto, remetem para a edição INCM, AS (2008). O estudo de SÁ, VICTOR DE (1979) *A historiografia sociológica de António Sérgio*, Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve, Lisboa, identifica as teses historiográficas sergianas e aqui o sigo.

ii.b. Três séculos de isolamento pela Inquisição reduzem a Península a uma 'Ilha de Purificação': "Parece que o acaso conspirava com a Índia para nos arrancar à civilização da Europa.... O sistema isolador montava já o cadafalso onde iria desenrolar-se uma tragédia de três séculos; durante três séculos o génio europeu será na Ibéria constantemente vencido: [primeiro pela absorção do nosso espírito na aventura do Ultramar e pela lei político-religiosa], e depois pelos males hereditários". (p. 33).

Em conclusão: "Degenerámos precisamente por descumpriremos essa lei, postergando o trabalho normal da indústria e do saber pela exploração conquistadora e a aventura, ao mesmo tempo que nos isolámos da Europa, após a época fulgurante — e europeia — dos descobridores e humanistas." (p. 20-21).

iii. Tentativas de Reforma.

iii.a. A uma primeira tentativa liga-se à acção dos estrangeirados no séc. XVIII, salientando AS o papel de LAV cujo Verdadeiro Método de Estudar denuncia o anquilosamento intelectual do ensino superior e propõe medidas de modernização no sentido de um humanismo científico, de pendor eclético e empirista: "As reformas de instrução do (tempo) de Pombal — superficialmente depurificadas pelas suas missões no estrangeiro (de diplomata) foram precedidas dos ataques (da gloriosa plêiade estrangeirada)... Luís António Verney, (uma vítima do marquês) — que passou fora de Portugal toda a vida depois dos estudos universitários — publicava em 1747 o *Verdadeiro método de estudar*, em que analisava a instrução pública portuguesa, confrontando-a com a ciência do seu tempo. O *Método* levantou uma celeuma estrepitosa: para os puros da época tudo que não fosse a sua ignorância eram (cito palavras de LAV) "arengas supérfluas e ociosidades de estrangeiros" (p. 37).

2. O Reino Cadaveroso

2.1 Nós e a Revolução Científica

O interesse de AS pela história da cultura e das mentalidades, o relevo por ele dado ao papel das elites, através nomeadamente da leitura das obras de Gabriel Tarde, fazia acreditar que as práticas culturais, usando o anacronismo terminológico, eram dependentes de ideias, ou seja, de teorias intelectuais, daí, por exemplo, a sua sistemática censura a Aristóteles e à escolástica, no que aí via de predomínio de um sensualismo, do espírito de autoridade, contrário ao Humanismo científico que emerge com o Renascimento, as Navegações e cujo corolário, europeu e não-português, é a Revolução científica do século XVII.

Em 1926 AS afirma que esta revolução é, ao ampliar as conquistas do Renascimento, "o passo mais decisivo de toda a história do pensar humano"; enquanto que em Portugal, depois deste ter estado na vanguarda do espírito europeu no séc. XVI, se assiste a "um espectáculo de estiolamento da mentalidade" (E. II p. 27).

O historiador da ciência H. Floris Cohen, na sua obra de 1994 *The Scientific Revolution: A Historiographical Inquiry*, onde se percorre toda a historiografia precedente sobre o tema, retoma a tese de Herbert Butterfield de que o brilho da Revolução Científica, que leva à ascensão do mundo ocidental na história mundial, reduz o Renascimento e a Reforma ao estatuto de meros episódios dentro do sistema da Cristandade medieval. Na sua obra de 2010, *How Modern Science Came*

... de movimento pela Inquisição romana e Fernando e uma "Isa de Paris" que a sua escultura com a India para nos trazer a civilização da Europa...
 ... a cultura já o calado em seu destino se uma tragédia de um...
 ... o grego sempre será na linha constantemente escrita (p...
 ... de novo escrito na aventura da Ulisses e pela política religiosa, e...
 ... "heraldica" (p. 11).

... "Depois de um momento por descompreensão com os portugueses...
 ... de indústria e de saber pela exploração comercial e a aventura, a...
 ... nos mares da Europa, após a época ligurica - a empresa - da...
 ... "aventura" (p. 21).

... de história.

... sempre a mesma ligeira ação dos estrangeiros no séc. XVII, sobretudo...
 ... (L. de Verulamio) filósofo de Torvelo denuncia o empirismo m...
 ... e porque mudado de modernização no sentido de um humanismo...
 ... e empirista. Na reforma de construção do tempo de História...
 ... dependente pelas suas ideias no estrangeiro de diplomatas, foram pro...
 ... da grande política europeia... Luis Antonio Lopez (1994) afirma...
 ... que permitiu aos de Portugal ir a vela depois dos estudos universitários...
 ... (1947) a "história natural de estudar, em que a natureza a natureza pública...
 ... permitindo a uma ciência do seu tempo. O Método tornou uma cultura...
 ... e os países da época tudo que não fosse a sua generalização com uma palavra de...
 ... "epistémica e secundária de estrangeiros" (p. 27).

Revendo

Revolução Científica

... pela história da cultura e das mentalidades, o relevo por ele...
 ... elites, através nomeadamente da leitura das obras de Gabriel...
 ... as práticas culturais, usando o anacronismo terminol...
 ... de ideias, ou seja, de teorias intelectuais, das, por exemplo...
 ... a Aristóteles e à escolástica, no que se viu de profun...
 ... do espírito de autoridade, contrário ao Humanismo científico...
 ... Renascimento, as Navegações e cujo colapso, europeu e n...
 ... olução científica do século XVII.

... ma que esta revolução é, ao ampliar as conquistas do Ren...
 ... decisivo de toda a história do pensar humano"; enquanto...
 ... pos deste ter estado na vanguarda do espírito europeu no sc...
 ... o espectáculo de estiolamento da mentalidade" (I, II p. 27).

... ciência H. Floris Cohen, na sua obra de 1994 *The Scientific*
graphical Inquiry, onde se percorre toda a historiografia pre...
 ... retoma a tese de Herbert Butterfield de que o brabo da It...
 ... leva à ascensão do mundo ocidental na história mundial...
 ... e a Reforma ao estatuto de meros episódios dentro do sis...
 ... medieval. Na sua obra de 2010, *How Modern Science Came*

Into the World, Cohen tenta responder, usando argumentos de história comparada (considerando a época Sung chinesa, o Islão medieval, o Renascimento) à questão de porque a ciência moderna surge na Europa do séc. XVII e por que razão o seu desenvolvimento tem sido continuado. A resposta de Cohen é a de que duas das três tradições necessárias à emergência da ciência moderna existiam na Grécia Antiga – a filosofia especulativa, e as matemáticas puras e aplicadas (geometria euclideana, estática arquimediana, astronomia ptolemaica). A terceira tradição, que se funde com as anteriores na Europa dos séculos XVI-XVII, é o experimentalismo que inquirir dos factos da natureza; este tem origem nas navegações e na exploração dos novos territórios, na mineração, no desenvolvimento tecnológico que usa as matemáticas, e no comércio. Esta atitude difere das anteriores por ser mais intervencionista e orientada para o controlo e a dominação, pelo que Cohen designa esta tendência intelectual por "empirismo coercitivo". A síntese das três tradições produziu o tipo de conhecimento da natureza matemático-empírico que reconhecemos hoje como ciência moderna.⁶

No livro de 1994, Cohen mostra como a historiografia tratou inicialmente o caso de Galileu (que nas palavras de AS é o criador da moderna mecânica) sob perspectivas tão diversas, desde a prioridade de factores materiais e práticos (Olshki, Bernal, Zilsel) até à inscrição na tradição platónico-arquimediana (e menorização do lado experimental concreto) por Alexandre Koyré.⁷ A tese do filólogo e historiador Leonardo Olshki (1885-1962) (a qual surge na obra *Galileo und seine Zeit* de 1927) é a de que o que permitiu a Galileu transcender a erudição infértil dos seus antecessores científicos foi o contacto com a nova tradição de aplicação das matemáticas a questões tecnológicas, quais a perspectiva linear, mineração, fortificação e balística, tradição que é invocada na primeira jornada dos *Discorsi*. Esta tese é depois ampliada por Edgar Zilsel, sociólogo marxista, no artigo de 1942 "As raízes sociológicas da ciência". O novo dinamismo do mundo europeu é um elemento central da tese de Olshki: se os gregos possuíram a filosofia (racionalista) e desenvolveram dedutivamente as matemáticas (no essencial as mesmas disponíveis para Galileu), foi o séc. XVII europeu que realizou o que poderia parecer embrionário na Grécia antiga, supondo que Galileu, como pensou Koyré, foi um sucessor directo de Arquimedes.⁸

⁶ COHEN, H. FLORIS (1994) *The Scientific Revolution: A Historiographical Inquiry*, Chicago: University of Chicago Press; (2010) *How modern science came into the world Four civilizations, one 17th-century breakthrough*, Amsterdam: Amsterdam University Press.

⁷ KOYRÉ, ALEXANDRE (1943) "Galileo and Plato", *Journal of the History of Ideas*, Vol. 4, Nº 4, p. 400-428. ZILSEL, EDGAR (1942) "The sociological roots of science", originalmente em *The American Journal of Sociology*, Vol. 47, p. 542-62; republicado em *Social Studies of Science*, Vol. 30, Nº 6 (2000), p. 935-949 e nos *Boston Studies in the philosophy of science*, Nº 200, 2003, com prefácio de Joseph Needham, o historiador da ciência chinesa, para quem a concomitância de uma casta de eruditos e de um alto nível de sofisticação dos objectos manufacturados seria factor de perplexidade pela ausência da inovação que coube aos europeus, não fora uma explicação sócio-económica de matiz materialista.

⁸ Sobre as ideias de Olshki ver COHEN (1994), § 5.2. Cohen nota que a tese de Olshki era bastante inusitada à época; a interpretação marxista tem um zénite ideológico na tese do físico soviético Hessen

A terceira tradição, posta em evidência por argumentações pragmático-materialistas, é aquela a que AS se refere quando fala de Galileu em "O Reino cadaveroso" de 1926; é a ausência lusa da fusão das três tradições, para o que contribui a falta de actividade industrial junto com os efeitos da Contra-reforma que caracterizam o nosso seiscentismo, que explica a persistência do paradigma aristotélico nos estudos superiores em Portugal, que é lido como sinal da nossa decadência. A tese de AS é, resumidamente, a seguinte:

Dois povos (o italiano e o nosso) se viram à testa da revolução. A faina industrial e o comércio marítimo impeliram à revolução o Italiano; e foram as navegações e os descobrimentos (filhos de necessidades comerciais) que iniciaram na nova atitude a mentalidade do Português. A ciência mecânica da natureza, pois, saiu da indústria florescente das cidades italianas, que buscavam exceder-se umas às outras nas actividades da fabricação, no achado de processos e de máquinas novas. O uso das forças da natureza levou ao sistemático conhecimento das suas maneiras de actuar, obrigando os espíritos reflexivos à investigação das suas leis. [segue-se a passagem dos *Discorsi* de Galileu em que Sagredo afirma frequentar os artesões-engenheiros dos arsenais de Veneza]... [este novo espírito foi teorizado por Bacon de Verulano mas foram] Galileu e Leonardo da Vinci que concretamente o instituíram... O que nos manuscritos de Leonardo interessa sobretudo os homens de hoje, é por um lado, a ideia da importância essencial do novo método experimentalista, e do correlativo espírito crítico; e por outro lado, a de que sem a aplicação da Matemática à Física não há física que se tome a sério. A Física pois, ou é Física quantitativa (o contrário da de Aristóteles), ou não é nada (In E. II, p. 30-32).

Esta tese sergiana, que tem afinidades interessantes com a tese de Zilsel (ao coincidir com o argumento deste reduzido ao mais esquemático possível) inscreve-se na tendência explicativa que relaciona o advento de teorias intelectuais com práticas não intelectuais; esta tónica inscreve-se no espírito pragmatista, sem ser, no estilo de J. Bernal ou de Zilsel, de inspiração explicitamente marxista.

2.2 O Verdadeiro Método de Estudar

Em 1926, AS interroga-se sobre o que teria acontecido na história dos saberes em Portugal se o Colégio das Artes, para o qual D. João III fez vir humanistas de várias nações para reformar os estudos conimbricenses, não tivesse sido tomado pelos jesuítas. Depois da Restauração, os emigrados por motivo das perseguições da Inquisição "foram compondo, pouco a pouco, a bela falange dos 'estrangeirados', que como um plenilúnio, iluminou esperançadamente, na segunda metade do século XVIII, a nossa noite intelectual". Estes estrangeirados "influíram no ânimo de D. João V, em cujo reinado se iniciou a batalha para nos fazer reentrar na Europa culta". LAV, por incumbência do Governo, pensou a Reforma pedagógica,

(1931) no seu "The Social and economics roots of Newton's 'Principia'". A edição original do livro de Olschki (1927) editado por Max Niemeyer Verlag em Halle, existe na BNP; E. II aparece em 1929, mas AS está desde 1926 em Paris, portanto é difícil afirmar-se que AS terá tido conhecimento da obra de Olschki, até porque "O Reino cadaveroso" terá sido escrito em 1926. A questão é irrelevante para o interesse de AS por este tipo inusitado de explicação 'materialista', que está em clara harmonia com a sua historiografia.

escrevendo o *Verdadeiro Método de estudar*, que AS qualifica "por alguns aspectos, a maior obra de pensamento que se escreveu em português". De entre o seu plano de reforma cultural AS destaca os seguintes três aspectos:

1ª LAV constata que o seiscentismo nos colocou num estado de ignorância e de isolamento relativamente à Europa culta; citando LAV: "Nas Espanhas e mui principalmente em Portugal, vejo desprezar todos os estudos estrangeiros, e com tal empenho como se fossem maus costumes ou cousas muito nocivas". Verney, tal como Jacob de Castro (que se encontrava em Londres) propõe como solução "que muitos vão estudar fora o que cá não se sabe"; voltando depois poderão propagar as ciências entre os nacionais.

E o que deve caracterizar a nova atitude?

2ª Para já o espírito crítico; citando LAV: "Deve o estudante notar que o século passado teve a felicidade de se livrar da ignorância em muitas coisas. A crítica que então nasceu - ou renasceu e se aumentou - abriu os olhos ao mundo literário para se adiantar nas ciências. Nesta era não basta que um homem afirme uma coisa: é necessário que a prove, e mostre que os monumentos de que tira as suas provas são livres de toda a corrupção [alusão a Mabillon e à crítica das fontes históricas].

3ª Outra vertente da nova atitude é o experimentalismo, ou experiência acompanhada do raciocínio matemático. Para isso há que abandonar o dogma aristotélico de tudo no mundo físico querer explicar a partir de 'matéria, forma e privação' esquecendo ou condenando a 'observação miúda da natureza'. Importa abandonar a obsessão de ter um sistema e adoptar uma posição ecléctica. Em resumo, 'tratava-se de destruir a peripatética', em que se reclusa o português".

3. Epílogo

Num texto mais tardio, publicado só em 1954 no tomo VII dos *Ensaíos*, AS, analisando correspondência de LAV publicada por Cabral de Moncada em 1941, intitulado 'Sobre o apostolado cívico de Verney', caracterizará o humanismo iluminista de LAV, notando como as críticas daquele à Inquisição portuguesa ecoam a crítica papal de que o nosso catolicismo era então bárbaro, como o atestavam as torturas e maus tratos aos réus dos tribunais inquisitoriais, e como LAV percebia as consequências económicas do nosso fanatismo religioso: "O comércio português no oriente disso padece infinitamente". AS mostra aí como espiritualmente LAV é um seu ancestral:

"Verney é o tipo do apóstolo cívico, o do moralista que intervém no viver político sem nunca sacrificar às conveniências da acção os mais altos princípios do mais puro humanismo. Um *clerc* que não trai... Se voltasse a este mundo, vê-lo-íamos decerto numa intervenção activa em toda a vida política do Portugal de agora, a preconizar as providências de teor concreto para uma reforma de estrutura de 'humanidade' estreme, de evangelismo total. Imagino-o como um *clerc* que interviria sempre, não traindo nunca" (E. VII, p. 83-85).

Como disse recentemente um filósofo analítico sobre Julien Benda, e como Hermínio Martins aí se inspirando disse sobre Sérgio, estamos perante 'heróis da razão' por muito que um juízo assim *engagé* estranhe as mentes de perplexos pensadores da nossa condição nacional.

⁹ Todas estas citações são de E. II, p. 44-45.

Sérgio, com o seu interesse pela história cultural e com a sua atitude combativa, melhorista, que publicitava um racionalismo cuja actualidade filosófica e pedagógica radicava no diálogo com o pragmatismo de um James e de um Dewey, colocou na agenda dos sectores intelectuais de tendência racionalista o problema de explicar a decadência nacional do nosso Seiscentismo, a partir de uma conjuntura histórica onde se interpenetravam factores políticos, sociais-mentais e económicos, cuja constelação coerente permaneceu activa nos seus maiores vectores apesar das tentativas dos estrangeirados de pensar e propor medidas para o ultrapassar dos bloqueios. Para a ausência de continuidade do espírito experimental e científico dos nossos séculos XV-XVI, ligado à elite intelectual que se desenvolve com as navegações, AS sugeriu, para além do factor externo (Contra-Reforma, Inquisição, domínio dos jesuítas sobre o ensino), a falta de indústria, o domínio do comércio e do parasitismo 'colonial' e a incapacidade de desenvolver a metrópole por uma política de fixação. Sérgio foi também notando a exiguidade numérica das nossas elites, e a sua falta de impacto, bem como a unidade entre a ausência de actividades produtivas, o centralismo e o excesso de funcionalismo e o sistema educativo; decerto a revisitação dessas teses é inspiradora – por exemplo Luís Miguel Carolino, no decorrer do nosso colóquio de Évora, chamou a atenção para o facto de as inovações da Revolução Científica ocorrerem em nações onde várias cortes, reunidas em torno de figuras da alta nobreza, desenvolviam o interesse pelo saber (contando sábios entre os seus elementos a quem eram fornecidos meios e liberdade de pensar e de circular), enquanto em Portugal o centralismo fez concentrar na única Corte, a Real, o grosso da nobreza (sendo que para o rei não era dever gerir o ensino); ao que acresce, como também notou, o desprestígio das tarefas manuais, ao que não será estranho o facto de os jesuítas nunca executarem experiências, mesmo quando as referiam, já em pleno século XVIII (PRÍNCIPE (2012) p. 29-31).

A destruição do Grupo da Biblioteca Nacional, se talvez não tenha sido tão desastrosa quanto a destruição do Colégio das Artes para o qual D. João III fez vir vultos maiores do humanismo europeu, decerto simboliza a destruição de uma possibilidade de rápido desenvolvimento das ciências sociais em Portugal (e de que há sequelas bem actuais). Sérgio, que terá que se exilar em 1926, ver-se-á de todo impossibilitado de continuar os seus trabalhos de historiografia sociológica – quando os tentou retomar, o primeiro e único volume da sua *História de Portugal* foi de imediato apreendido (1941).

A *História de Barcelos*, dirigida por Damião Peres, através dos textos escritos por Newton de Macedo e por Hernâni Cidade, no Vol. VI, fez ecoar nos anos de 1940 a problemática e teses de Sérgio sobre o Seiscentismo. Entretanto, uma tradição oposta (que no concreto das teses historiográficas é revisionista) continuou e continua muito presente (sem que tenha unidade nas suas estruturas de referência, que tanto podem ir de uma posição ultra-montana, escudada inicialmente no integralismo e hoje por poderosas e tentaculares organizações que almejam

ao controlo de amplos sectores intelectuais relevantes, na esteira de um Inácio, até ao da adesão a escolas filosóficas europeias que se demarcam do Kant iluminista, para simplificar; posição esta cuja honestidade intelectual é indiscutível) e desvaloriza o valor de progresso associado ao paradigma da Revolução científica e do dinamismo europeu associado, argumentando, por exemplo, que aqueles corresponderiam a uma instrumentalização da razão e conduzindo às catástrofes cujo culminar se encontra nas guerras mundiais, ou que o viver dos povos, na sua felicidade, pouco depende da obsolescência dos saberes científico e tecnológico (claro que, se a nossa mentalidade está intimamente ligada aos condicionalismos económicos e à política de transporte, a nossa dependência do exterior torna-se óbvia, como o atestam os movimentos migratórios, por exemplo, admitindo a complexidade dos processos que estabelecem a dialéctica entre cultura erudita e cultura popular, e os tempos longos dos modos de viver ancestrais iletrados). Estaria assim, sendo bastante hegeliano e crente no valor pragmático das ideias dos intelectuais, a Razão de pragmatistas como Dewey (ou o Sérgio da Primeira República) condenada à mesma cegueira da Razão das Luzes, de que Verney seria mais um simples 'aprendiz de feiticeiro', tal como minada estaria a tarefa reformista dos *clercs*, que confundiriam a elite dirigente com o povo numa atitude de incompreensão sobranceira. Vale a pena recordar, para minar certezas, como o recente livro *Experimentum Humanu* é escrito na 'tradição' racionalista, sendo, entre nós da Lusofonia, uma obra maior do pensamento crítico actual sobre as contradições (e perigos eminentes) da civilização tecnológica. Aliás, Guglielmo Ferrero, uma das inspirações de AS, desde os anos de 1910 que denunciou tais perigos no quadro analítico que era o seu.

No plano do concreto das teses historiográficas, certos letrados desvalorizam a Revolução Científica face à riqueza do pensamento dos conimbricenses ou problematizam o papel dos estrangeirados, por exemplo, notando que "mais difícil de admitir é que eles integrassem um grupo definido e orgânico, monopolizando as críticas ao 'sistema' ou que de alguma maneira quisessem tirar o país de um isolamento asfixiante, em benefício de um 'projecto' vindo de fora. Por outro lado, também não é fácil sustentar que os povos peninsulares se mostrassem especialmente adversos ao estrangeiro, ou que ignorassem as novidades científicas e filosóficas ao norte dos Pirineus".¹⁰ Este tipo particular de tese parte do pressuposto de que a tese sergiana não é ancorada num bom estudo de recepção, sendo *ipso facto* de duvidar (aqui a premissa é boa e a conclusão duvidosa); para quem já fez um sério estudo académico de recepção de teorias estrangeiras, é um preceito metodológico o evitar "ce travers des études naïves de réception par lequel la 'bonne compréhension' de la théorie reçue est prise comme la jauge de la récep-

¹⁰ REIS MIRANDA, TIAGO (1991) " 'Estrangeirados' ". A questão do isolacionismo português nos séculos XVII e XVIII", Revista História, São Paulo, Nº 123-124, p. 35-70, cit. p. 69. Este artigo tem o mérito de, ao ser escrito do outro lado do Atlântico, conter amplas referências bibliográficas, sem os *parti-pris* tão típicos entre nós, e ao que o presente artigo não escapa, caso não se consulte estas remissões além atlânticas.

tion. Au contraire, [estudam-se] les modes d'appropriation, plus ou moins déformants, d'une théorie extérieure par des acteurs vivant et raisonnant à leur propre manière".¹¹ Da aproximação *naïve* faz parte o confundir a presença de obras estrangeiras nas bibliotecas jesuítas com o facto de terem sido lidas e modernamente lidas, independentemente de um sistema mental e de valores idiossincráticos por relação com os produtores dos textos. Mais recentemente, do lado dos que se consideram historiadores da ciência pura e dura (e que implicitamente desvalorizam os conimbricenses, como boa parte do que é filosofia), detectam-se atitudes e referências que sugerem que o valor atribuído à revolução científica resulta de se fazer história 'whig', colocando o discurso sob os *endoxa*, os lugares comuns, de um certo cientismo vencedor. Assim, a tradição matemática de Pedro Nunes teria continuado muito activa no Colégio de Santo Antão, e uma elite, onde pontificavam jesuítas e dominicanos, manter-se-ia *up-to-date* relativamente às mais recentes evoluções do conhecimento científico, nada se dizendo sobre os ritmos e as criatividades diversas entre produtores e leitores, e contextos (comparativamente tomados) sócio-económicos associados.

Em geral, creio justo asseverar que estas correntes, na sua globalidade, não praticam de todo ou desprezam as interpretações de cunho sociológico e materialista, que remontam aos marxistas e aos pragmatistas, na tradição de um John Dewey, e esquecem o dinamismo económico e industrial do outro lado dos Pirenéus (bem como o efeito do espírito crítico, tão presente em Descartes, como AS salientou). Valeria a pena uma ampla reflexão sobre se os factos históricos relevantes dependem ou não, em larga medida, das problemáticas que se colocam num esforço de reconstrução, que Sérgio supôs dever ser experimentalista e falibilista, e se dependem ou devem depender conscientemente do *engagement* ideológico, de estruturas de atitude e de referência. Valeria também a pena, portanto, fazer um exercício de auto-reflexão em torno de se determinar se o ideal da neutralidade axiológica é possível e desejável, tratando-se da reconstrução do nosso passado que continua, também por esse aspecto, activo no nosso presente.

¹¹ PRÍNCIPE, JOÃO (2008) *La réception française de la mécanique statistique*, Thèse présentée pour obtenir Le titre de Docteur en Epistémologie et Histoire des Sciences et des Techniques. Paris: UNIVERSITE PARIS. DIDEROT (Paris 7).